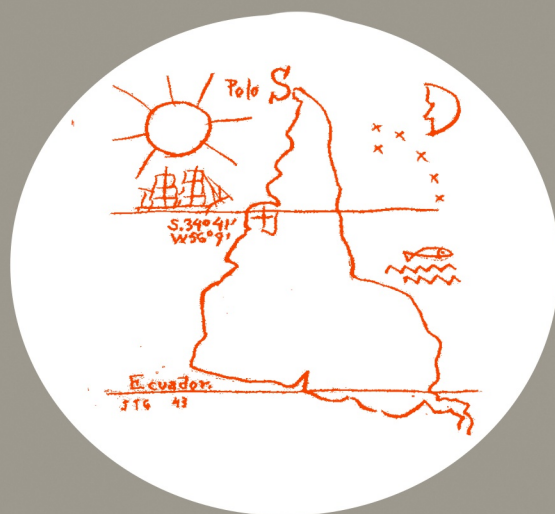


TODAS AS ARTES

.....
REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA
ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE



Vol. 7, N. 3, Set.-Dez. 2024
ISSN 2184-38052
Volume Especial

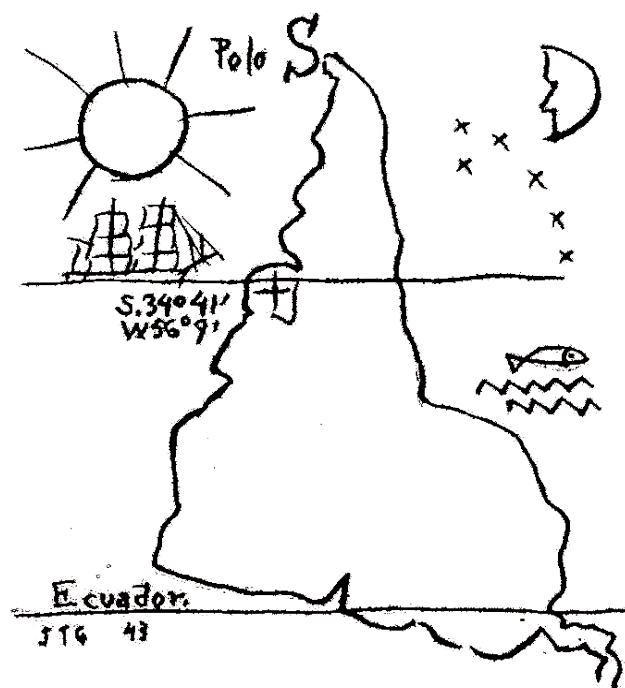
Debates entre Sociologia e História da Arte

América do Sul e Brasil em perspectiva



Organização

Maria Lúcia Bueno
Marcelo Ribeiro Vasconcelos
Sabrina Parracho Sant'Anna



**O CORPO FEMININO NAS NUANCES DO NU E DO DESPIDO:
UMA RESENHA DO LIVRO *THE FEMALE NUDE: ART,
OBSCENITY AND SEXUALITY*^{1.)}**

THE FEMALE BODY IN THE SHADES OF THE NUDE AND THE
NAKED: A REVIEW OF THE BOOK *THE FEMALE NUDE: ART,
OBSCENITY AND SEXUALITY*

LE CORPS FÉMININ DANS LES NUANCES DU NU ET DU DÉVÊTU: UNE
ANALYSE DU LIVRE *THE FEMALE NUDE: ART, OBSCENITY AND
SEXUALITY*

EL CUERPO FEMENINO EN LOS MATICES DE LO DESNUDO Y LO
DESVESTIDO: UNA RESEÑA DEL LIBRO *THE FEMALE NUDE: ART,
OBSCENITY AND SEXUALITY*

Júlia Almeida de Mello

Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Artes, Laboratório
de Extensão e Pesquisa em Artes, Brasil

^{1.)} Resenha do livro *The female nude: art, obscenity and sexuality*. 1 ed. Londres: Routledge, 1992, de autoria da historiadora da arte Lynda Nead.

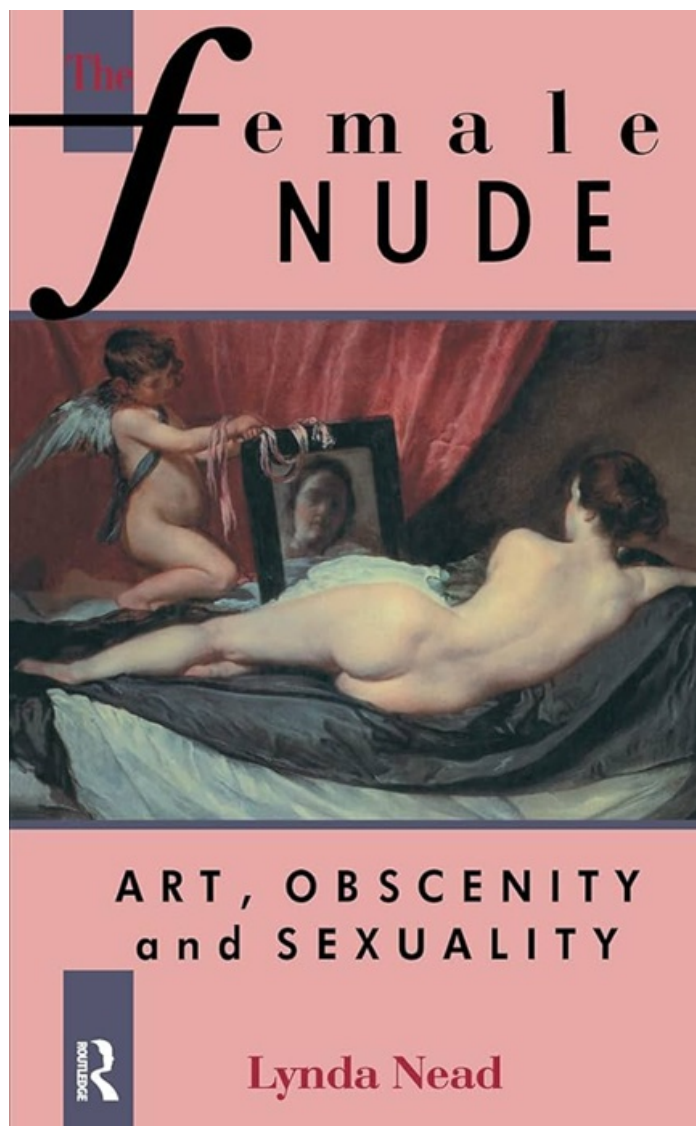


Figura 1: Capa do livro *The female nude: art, obscenity and sexuality*

Fonte: Amazon.com.

1. Introdução

The female nude: art, obscenity and sexuality, escrito pela historiadora da arte britânica Lynda Nead foi lançado há 33 anos, sendo o pioneiro a tratar as questões do corpo feminino nu na história da arte ocidental sob uma perspectiva feminista. Apesar da distância temporal, a obra tem sido frequentemente citada nas discussões contemporâneas que englobam desde a objetificação do corpo feminino na cultura visual até as reformulações interseccionais no campo da história da arte²⁾. Partindo desse viés, esta resenha busca apresentar e analisar as principais contribuições do livro, destacando sua relevância para os debates atuais. É importante ressaltar que *The female nude: art, obscenity and sexuality* nunca foi traduzido para o português, o que limita seu acesso a um público mais amplo no Brasil e em Portugal. Dessa forma, esta resenha discute as ideias centrais da obra, também propondo reflexões sobre sua aplicabilidade nos contextos lusófonos, onde a relação entre arte, nudez e gênero carece de mais traduções e diálogos acessíveis.

²⁾ Em 1 de maio de 2024, foi lançada a primeira edição do livro para Kindle, na linha Routledge Classics.

2. *The female nude: art, obscenity and sexuality*

Lynda Nead analisa o nu feminino ao longo da história da arte ocidental, criticando a sua construção como ícone da “alta cultura” e símbolo da civilização. Segundo a autora, a nudez feminina na arte pode ser situada em dois espaços contrastantes: (1) no cerne da alta cultura, discurso da história da arte, ápice estético e, (2) na margem cultural, na borda, se arriscando a perder a respeitabilidade.

O corpo como ápice estético, construído sob as premissas da história da arte e da estética, foi “emoldurado” simbolizando a transformação da base da matéria ou da natureza em elevadas formas culturais e espirituais. O livro apresenta o argumento de que, por meio dos discursos da cultura dominante em torno do “civilizado”, o corpo feminino (considerado sujo, desarmônico, impróprio, etc.) passou a ser “controlado” mediante o nu artístico. De acordo com a obra, a partir do discurso da estética, o nu feminino, emoldurado e pendurado na parede, passa a representar o mais elevado grau de civilização da cultura ocidental.

A obra é dividida em três partes, sendo a primeira especificamente direcionada a teorização do nu feminino, englobando discussões sobre a construção e o enquadramento da representação do corpo feminino na história da arte, a distinção entre nu e despido, o conceito de forma ideal, o papel da estética e os limites entre arte e obscenidade. De modo geral, a seção propõe uma reflexão crítica sobre os mecanismos que moldaram a visibilidade do feminino na arte, com foco nas implicações culturais, sociais e políticas que sustentam essa tradição.

A segunda parte, intitulada *Redesenhando as linhas*, examina a formação discursiva do nu feminino, por meio da educação artística e da importância da aula de modelo vivo, e em relação à crítica de arte e ao papel da metáfora sexual na avaliação do nu feminino. Nesta seção, também é abordada a relação entre o feminismo e a representação do corpo feminino, enriquecida por meio de uma análise de obras produzidas por mulheres desde os anos 1970 até os anos 1990, mostrando como os desenvolvimentos dentro do movimento das mulheres foram articulados em termos de uma política de identidade e do corpo, além da formulação de novas estratégias e intervenções culturais.

Por fim, a última parte, intitulada *Distinções culturais*, analisa as formas pelas quais se traçam limites entre diferentes tipos de representação do corpo feminino, passando pelo discurso da história da arte, fotografia de moda, pôsteres de jornal com “pin-ups” e pornografia. Essas categorias apresentam uma série de distinções culturais e permitem concluir que o nu feminino na arte não pode ser estudado isoladamente, mas deve ser analisado dentro de um contexto mais amplo de sua relação com diversas formas de cultura de massa.

Em termos conceituais, Lynda Nead analisa “contornos” (*outlines*) de Kenneth Clark (1956), “margens” (*margins*) da antropóloga Mary Douglas (1966) e “molduras” (*frames*) do filósofo Jacques Derrida³⁾ (1987) para sugerir que, em diferentes décadas, a representação do corpo feminino na arte ocidental esteve pautada nas convenções do discurso estético. A autora define contornos, margens e molduras como procedimentos e formas que regulam tanto o modo como o corpo feminino é mostrado, quanto como é visto (Mello, 2024). O nu feminino envolve a feminilidade e a sexualidade na arte tradicional e, segundo o livro, é uma estratégia para conter a “falta de forma”, o corpo desobediente, sem regras. Dentro do discurso estético, o corpo nu estaria num lugar seguro, selado. Em oposição, o corpo marginalizado, vai justamente fugir da segurança e, portanto, das normas. É um corpo sem bordas, que não se contém. É obsceno. A obra deixa em destaque que, em consonância com Mary Douglas (1966), o corpo que transgride, não somente normas artísticas convencionais, mas discursos hegemônicos como os médicos e midiáticos, por exemplo, emana perigo. Nesse mote, o corpo despido pode ser entendido como aquele que resiste a classificações e que o público não está acostumado a ver; um corpo cru.

Lynda Nead indica que a história da arte tradicional sempre buscou metaforicamente “selar” o corpo feminino, contendo-o e “despoluindo-o”. A autora parte de uma leitura sobre a herança desse pensamento no âmbito da cultura ocidental concluindo que a visão do corpo feminino encarnou o lado do feio, errado, incerto, enquanto o masculino encarnou o modelo ideal. Nesse sentido, a regulação do corpo feminino - e do olhar do público sobre ele - foi disciplinada por convenções e protocolos artísticos, de modo que, para que pudesse ser considerado “apolíneo”, precisaria se associar à ideia de perfeição, da forma acabada e contida, conforme descreve Kenneth Clark ao tratar da versão feminina “apolínea”, a Vênus Capitolina.

O pensamento clássico de beleza, fundamentado em ordem, simetria e definição, estabeleceu um ideal focado na unidade e integridade que se reflete na representação do corpo feminino ao longo dos séculos, e que Lynda Nead denomina como o “controle estético do corpo feminino”. Para a autora, a aproximação do nu (feminino) com a arquitetura - baseada na geometria e na perspectiva -, impõe uma ordem sobre o corpo feminino. O livro exemplifica o argumento com uma breve análise de *Draughtsman drawing a nude* (1538), de Albrecht Dürer (1471-1528), que evidencia a oposição entre cultura masculina e natureza feminina.

A autora reconhece a potência do corpo despido ao desafiar antigos valores socioculturais enraizados, associando-o à obscenidade. Esse elemento chave, em diversos momentos, foi utilizado como artifício por mulheres para reposicionar seus corpos no campo artístico, reivindicando não apenas o direito à exposição, mas, sobretudo, o espaço de corpos atuantes e autônomos.

³⁾ Derrida (1987) analisa a relação do que está dentro de um quadro com o que está fora, para além da moldura. O filósofo aponta para a relevância da moldura na obra de arte que, não está nem no lado interior, nem no exterior da obra, funcionando como um link entre os dois espaços. Em suma, o autor considera que o significado dado pelo(a) artista, o modo de produção do objeto e a utilização de materiais e técnicas, devem ser articulados ao significado exterior (perspectiva do público e contexto sociocultural).

O ponto central da discussão do livro recai na ideia de que mais do que qualquer tema ou assunto, o nu feminino conota “Arte”. O corpo feminino emoldurado pendurado em um museu ou galeria é “o ícone da cultura ocidental, um símbolo da civilização e realização” (Nead, 1992: 1). Se acompanharmos as premissas da autora, mais importante do que esclarecer o que é o nu é elucidar o que é o nu feminino para a história da arte ocidental. A hipótese de Nead é a de que o corpo feminino foi – e tem sido – visto como sem forma, incompleto, e os procedimentos e convenções tomados pela “alta” arte para controlar esse corpo “desregrado”, consistiam em colocá-lo dentro dos limites seguros do discurso estético, contê-lo. A relevância dessa conjectura está na conclusão de que o nu propõe definições particulares sobre o corpo feminino: não são todos que podem ser transformados em nu.

Além disso, essa categoria exige modos de visualização e público específicos. Visualização pautada na contemplação, nas alegações da estética na qual as obras de arte funcionavam para reforçar a unidade e a integridade do observador (supostamente homem, branco e heterossexual) e obedeciam a ordem da perfeição. O que fugisse disso estaria longe de ser considerado arte e poderia ser aproximado com certa frequência do obsceno. O corpo obsceno é aquele sem bordas, que não se contém e obscenidade é o que move e desperta o público, ao invés de provocar quietude e noção de completude.

A fotografia de Robert Mapplethorpe (1946-1989), *Lisa Lyon* (1980) é lançada como um exemplo que traz os elementos elencados por Kenneth Clark (1956), como “ordem”, “precisão” e “lógica”, já que tanto a modelo, quanto o fotógrafo colaboram com o ordenamento do corpo feminino. Ambos parecem escultores clássicos na busca da estética ideal, transformando o material “cru”, bruto, em arte. Evidentemente Lynda Nead não desconsidera o valor que a obra possui, sobretudo na desconstrução de determinados padrões femininos (Lyon é bodybuilder), mas reforça que nesse trabalho a modelo foi emoldurada, tendo o seu corpo aparentemente atingido o mais alto grau da forma contida.

3. Vênus ao espelho

Um outro ponto de destaque em *The female nude: art, obscenity and sexuality* é a análise da *Vênus ao espelho* (1647-1651), de Diego Velázquez (1599-1660), considerada de grande reconhecimento em termos de 3 representações do nu feminino na história da arte ocidental. Na obra, Velázquez utiliza a estratégia do espelho para estruturar o olhar que regula e disciplina o corpo feminino dentro dos limites da arte. Embora a mulher esteja reclinada de costas para o observador, o espelho posicionado à sua frente reflete seu rosto de maneira difusa, impedindo um contato visual direto. Essa escolha compositiva reforça um aspecto essencial da teoria de Nead: a mulher na arte frequentemente não se olha, mas é oferecida ao olhar do espectador masculino, que a contempla sem ser desafiado.

Conforme indicado por Lynda Nead, a tradição artística europeia, ao longo dos séculos, criou um discurso que separa o “nu elevado” das imagens consideradas obscenas. Em *Vênus ao espelho*, essa separação é evidente: embora a imagem tenha um forte apelo sensual, seu enquadramento dentro da mitologia clássica e do gênero do nu acadêmico legitima sua existência como arte “respeitável”. Para a autora, esse tipo de enquadramento é uma forma de regulação visual, onde o prazer estético e a erotização do corpo feminino são permitidos desde que submetidos às normas da cultura dominante.

O ataque à pintura em 1914 pela sufragista Mary Richardson (1882/3-1960) adiciona uma camada de complexidade à discussão. Armando-se de uma faca, Richardson desferiu cortes na tela como um ato de protesto contra a prisão da ativista Emmeline Pankhurst (1858-1928). Esse episódio é abordado no livro como sendo uma tentativa de romper fisicamente com a tradição da objetificação feminina na arte, pautada na cultura patriarcal, que constrói e limita a visibilidade do feminino dentro dos parâmetros do desejo masculino e da normatização social.

4. Últimas considerações

Nas últimas considerações do livro a discussão retorna à fronteira entre a alta cultura e a legitimação da representação sexual através da categoria da arte erótica. Lynda Nead reforça a ideia de que arte e pornografia não podem ser vistas como regimes isolados de representação, devendo ser reconhecidas como elementos dentro de um continuum cultural que distingue boas e más representações do corpo feminino, formas permitidas e proibidas de consumo cultural e que define o que pode ou não ser visto. O erótico representa a estetização da representação sexual, demarcando os limites da sexualidade que é permitida dentro da categoria do estético.

Para a arte, o nu feminino está tanto no centro quanto nas margens. No centro porque, dentro do discurso da história da arte, as obras do corpo feminino são vistas como a culminação visual das estéticas renascentista e iluminista. No entanto, essa autoridade está sempre sob ameaça, pois o nu feminino também está na fronteira da categoria artística, correndo o risco de escorregar para o pornográfico. Como a pornografia pode ser definida como qualquer representação visual que atinja um certo grau de explicitação sexual, no seio dos ideais tradicionais, a categoria artística precisa ser protegida para não ser engolida por essa da cultura visual.

Em termos de metodologia, Lynda Nead combina crítica feminista, teoria da arte e análise discursiva. Seu método permite examinar obras buscando compreender como os discursos culturais e artísticos constroem a legitimidade da categoria estética do nu feminino na tradição ocidental. A autora insere sua análise dentro de uma perspectiva histórica, contextualizando o nu feminino desde o Renascimento até o século XX, evidenciando como diferentes períodos mobilizaram estratégias visuais e narrativas para enquadrar a nudez feminina.

A teoria da cultura visual é utilizada para compreender o impacto das normas culturais na construção da imagem da mulher. Assim, sua abordagem interdisciplinar demonstra que a arte tem um papel ativo na formação das percepções sociais sobre gênero e sexualidade, desafiando a visão tradicional da história da arte e expondo as complexas relações de poder envolvidas na representação do nu feminino.

The Female Nude é uma obra de impacto para a crítica feminista e a discussão do nu feminino na história da arte e na cultura visual, inclusive na contemporaneidade, enriquecida com argumentos embasados e fontes teóricas oriundas de diferentes campos, incluindo filosofia, psicanálise e antropologia. Reconhecendo a limitação de escolha imposta pela autora, uma lacuna está na ausência de uma análise mais aprofundada sobre a agência das mulheres na produção e recepção dessas imagens. Isso tornaria o discurso sobre o nu feminino, frequentemente estruturado para o prazer visual do espectador masculino, menos unilateral, além de conferir uma postura menos passiva às mulheres frente a esse processo.

Outro limite da obra é a tendência de tratar o nu feminino dentro de uma perspectiva ocidental e eurocêntrica, focando principalmente na tradição renascentista e na arte acadêmica. Embora esse recorte faça sentido dentro do argumento principal da autora, ele acaba deixando de lado a diversidade de representações do corpo feminino em outras culturas e períodos históricos. A inclusão de uma análise comparativa com outras tradições artísticas poderia oferecer uma visão mais abrangente sobre a construção cultural da nudez e suas variações fora do contexto europeu.

Ainda assim, *The female nude: art, obscenity and sexuality* permanece um texto essencial para quem deseja compreender a relação entre arte, gênero e poder. Sua metodologia rigorosa e sua argumentação bem fundamentada continuam sendo influentes no debate acadêmico, especialmente em questões sobre a normatização da imagem feminina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Clark, K. (1956). *The nude: a study in ideal form*. 1 ed. Nova Jersey: Princeton University Press.

Derrida, J. (1987). *The truth in painting*. 1 ed. Chicago: University of Chicago Press.

Douglas, M. (1966). *Pureza e perigo*. Campinas: Editora Perspectiva.

Mello, J. (2024). *O corpo gordo e o grotesco: gênero, política e transgressão na arte contemporânea*. 1 ed. São Paulo: Dialética.

Nead, L. (1992). *The female nude: art, obscenity and sexuality*. 1 ed. Londres: Routledge.

Júlia Almeida de Mello.

Graduada em Artes Visuais (Claretiano Centro Universitário), Licenciatura Plena em Música (Universidade Federal do Espírito Santo) e Bacharelado em Design, habilitação em Moda e Vestuário (Fundação de Assistência e Educação). Mestre em Artes (Universidade Federal do Espírito Santo) e MBA em Design e Produção de Moda (Universidade Vila Velha). Doutora em Artes Visuais (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes). Pesquisadora no Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo (LEENA). Idealizadora e proprietária da marca de vestuário Blue Tree (2009-atualidade). Av. Horácio Macedo, 2151 – Faculdade de Letras, Térreo, Bloco D – Espaço EBA, Cidade Universitária – Ilha do Fundão, CEP: 21.941-901, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: juliaalmeidademello@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8454-2453>.

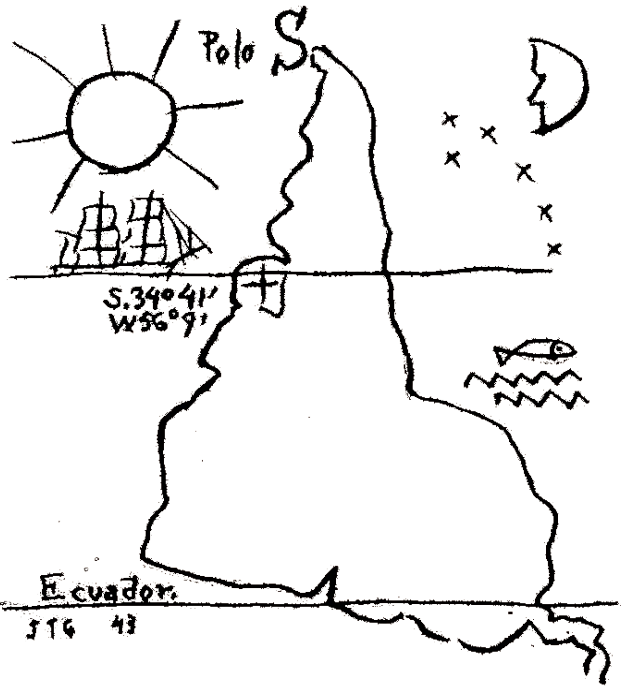
Receção: 04-09-2024

Aprovação: 10-01-2025

Citação:

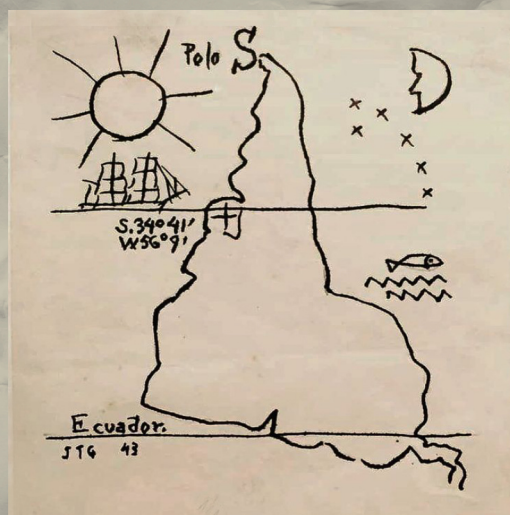
Mello, J. A, de (2024). O corpo feminino nas nuances do nu e do despido: Uma resenha do livro *the female nude: art, obscenity and sexuality*. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 7(3) Volume Especial, pp. 102-108 ISSN 2184-3805. DOI:<https://doi.org/10.21747/21843805/tavespn3r2>





Debates entre Sociologia e História da Arte

América do Sul e Brasil em perspectiva



Organização

Maria Lúcia Bueno
Marcelo Ribeiro Vasconcelos
Sabrina Parracho Sant'Anna